

LILIAN CALILI CAMARGO

**ATIVIDADES A CAVALO PARA PESSOAS
PORTADORAS DE NECESSIDADES
ESPECIAIS: O JOGO DOS SENTIDOS E DAS
REPRESENTAÇÕES**

CAMPINAS

2001



LILIAN CALILI CAMARGO

**ATIVIDADES A CAVALO PARA PESSOAS
PORTADORAS DE NECESSIDADES
ESPECIAIS: O JOGO DOS SENTIDOS E DAS
REPRESENTAÇÕES**

Monografia do Curso de Especialização em
Atividade Motora Adaptada. Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual de
Campinas. Orientador: Prof. Dr. Edison Duarte.

CAMPINAS

2001

À memória de Raul Augusto de Camargo, pai e amigo, que certamente
esteve ao meu lado durante a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que, de tanta formas, me ajudaram, possibilitando a realização deste trabalho.

Agradeço a meu noivo Alexandre Camargo Ribeiro, pelo companheirismo e exemplo de determinação.

Agradeço ao corpo docente do Curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada por me ensinarem que “diferenças” não são incapacidades. Em especial, agradeço a meu orientador Prof. Dr. Edison Duarte pela paciência, pela compreensão, pelo exemplo de pessoa que é, mestre admirável.

Agradeço a todos os pacientes que atendi nos centros de equoterapia e aos profissionais da equipe interdisciplinar, por me proporcionarem a extraordinária experiência de vivenciar na prática tudo o que procurei transcrever nestas páginas.

Enfim, agradeço a todos aqueles que me orgulho em chamar de amigo, porque sei que sozinha não é possível realizar coisa alguma.

“ Nosso propósito não deve ser prejudicado pelas oito preocupações mundanas: ganho ou perda, prazer ou dor, elogio ou crítica e fama ou infâmia” Dalai Lama

RESUMO

A equitação é a arte de montar a cavalo, adestrá-lo e prepará-lo para as diversas atividades em que o animal pode ser utilizado. Equitação é também um esporte que ocupa uma posição muito especial entre os outros esportes, devido ao fato de seu instrumento ser uma criatura viva e animada. O cavaleiro deve possuir não apenas qualidades físicas como força, destreza e resistência, mas também inteligência, capacidade de decisão, paciência, presença de espírito e audácia, além de conhecimentos sobre fenômenos físicos, fisiológicos e psicológicos presentes na associação cavaleiro-cavalo, a fim de que possa adaptar a eles sua conduta e sua ação. Existem já adaptações elaboradas para auxiliar o portador de necessidades especiais na prática da equitação. O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre a atividade a cavalo para pessoas portadoras de necessidades especiais enfocando o contexto lúdico no qual as atividades se desenvolvem, em especial, ao que diz respeito às representações simbólicas do ato de montar a cavalo e à riqueza de estimulação sensorial. Inicialmente o trabalho apresenta um breve histórico a respeito da atividade a cavalo para pessoas portadoras de necessidades especiais em vários países do mundo, incluindo o Brasil. Posteriormente é abordado, mais especificamente, a arte da equitação: suas adaptações para portadores de deficiências, seus benefícios, suas áreas de atuação, suas indicações e contra-indicações, seu principal instrumento de trabalho – o cavalo. Segue-se a discussão sobre o fenômeno do jogo, seu significado cultural e seus aspectos educacionais. Na discussão é abordado o caráter lúdico da atividade com o cavalo, caracterizando-a como um jogo simbólico e um espetáculo de estimulação sensorial. Como conclusão, são salientadas as características lúdicas da equoterapia que acabam por motivar seus praticantes.

Palavras-chaves: equitação, equoterapia, jogos.

SUMÁRIO

RESUMO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	12
3 REVISÃO DE LITERATURA	13
3. 1 Histórico da atividade a cavalo para portadores de necessidades especiais	13
3. 2 Equitação	22
3. 2. 1 A equitação como esporte adaptado	23
3. 2. 2 Áreas de aplicação da equoterapia	26
3. 2. 3 Os benefícios das atividades com o cavalo	27
3. 2. 4 Indicações e contra-indicações	30
3. 2. 5 O cavalo	32
3. 3 O jogo	36
3. 3. 1 O jogo com fenômeno cultural	40
3. 3. 2 O jogo como instrumento pedagógico	43
4 DISCUSSÃO	46
4. 1 Cavalgar: o jogo dos sentidos	46
4. 2 Cavalgar: o jogo das representações	52
5 CONCLUSÃO	60

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
------------------------------------	----

1 INTRODUÇÃO

A equitação é a arte de montar a cavalo, adestrá-lo e prepará-lo para as diversas atividades em que o animal pode ser utilizado (HARAS RANCHO GG, 2001).

Equitação é também um esporte que ocupa uma posição muito especial entre os outros esportes, devido ao fato de seu instrumento ser uma criatura viva e animada. Tudo o que é realizado nessa atividade acha-se intimamente ligado à maneira de pensar e sentir dessa criatura, o cavalo. O cavaleiro deve possuir não apenas qualidades físicas como força, destreza e resistência, mas também inteligência, capacidade de decisão, paciência, presença de espírito e audácia, além de conhecimentos sobre fenômenos físicos, fisiológicos e psicológicos presentes na associação cavaleiro-cavalo, a fim de que possa adaptar a eles sua conduta e sua ação (ROMASZKAN, 1977).

Existem já algumas adaptações elaboradas para auxiliar os portadores de deficiências na prática da equitação, compensando as perdas de funções e/ou de força muscular (ADAMS et al., 1985). Este encilhamento especial está sendo aprimorado e cientificamente estudado, para atender às necessidades dos praticantes e as exigências técnicas da equipe de profissionais que aplicam a atividade.

Inicialmente o cavalo serviu de caça, para alimentar a fome do homem. Depois o homem passou a domesticá-lo animal, e percebeu que o cavalo poderia suprir sua necessidade de deslocamento, quer sendo montado, quer tracionando carros e arados. O homem passou a cavalgá-lo e dele se servia para deslocar-se, ligando-o fortemente ao seu território e partindo montado para os combates em defesa desse território (LUBERSAC e LALLERY, 1996). O cavalo foi utilizado como meio de conquista, de imigração, de transporte, de trabalho, de veneração e de crença, usado na mitologia, na

fabricação de soro e vacina, no lazer e no esporte. Ao longo da história o homem percebeu que o cavalo poderia beneficiá-lo também na manutenção e/ou restabelecimento de sua saúde física e mental. Hoje lhe é dado um destaque como agente de educação e reabilitação (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

Os benefícios do ato de cavalgar são numerosos: cavalgar estimula e desafia, levando ao aumento da autoconfiança, do autocontrole e da auto-estima. É uma recreação com um esporte vital, favorecendo a socialização, através do contato do praticante com o cavalo e com outras pessoas, incluindo a equipe de profissionais que orientam a atividade. Facilita o aprendizado pela atenção, concentração, disciplina e responsabilidade exigidos para cuidar e manejar um grande animal, a despeito das limitações intelectuais, psicológicas e físicas, déficits cognitivos e do comportamento (BOTELLHO, 1997). Animal que se deixa montar e manusear, se transforma em um amigo com o qual o praticante cria um relacionamento afetivo importante; o animal se transforma em um personagem da vida do cavaleiro, passando a ser um ponto de contato sedutor com o mundo que a rodeia (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

A cerca de um ano iniciei minhas investigações sobre a atividades a cavalo para pessoas portadoras de necessidades especiais. Formada em fisioterapia, integrei a primeira equipe interdisciplinar de um centro de equoterapia (ao longo deste estudo, esclarecerei a origem deste termo), procurando identificar e avaliar o que este método poderia contribuir para a reabilitação física de seus praticantes. Parecia-me inconcebível trabalhar em um ambiente naturalmente lúdico tendo em mãos como instrumentos árvores, areia, grama, terra e um cavalo. O que eu havia aprendido, até então, eram exercícios específicos para grupos musculares específicos. Também não me lembro de ter ouvido falar e

interdisciplinaridade, e nunca havia trabalho com profissionais de outras áreas para elaborar os planos de tratamento.

Com o desenvolver das atividades, descobri que na equoterapia não é possível isolar o fator reabilitação de outros como educação e integração social. Percebi também que nós, profissionais, atuamos apenas como mediadores, facilitadores ou orientadores de atividades; os agentes, os instrumentos, os remédios são o ambiente pleno de recursos naturais no qual são realizadas as sessões e o cavalo que, de maneira natural, sem estabelecer obrigações nem estipular cobranças, proporciona ótimas experiências aos praticantes.

Os praticantes adoram montar a cavalo, trazem amigos e familiares para assistir as sessões. A observação deste comportamento levou-me os seguintes questionamentos: O que faz com que os praticantes gostem tanto deste que não deixa de ser um método terapêutico? Para as crianças seria um passeio a cavalo? Para os adultos seria o esporte hípico? Seria a terapia sem “cara” de terapia? Seria o brincar de terapia?

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre a atividade a cavalo para pessoas portadoras de necessidades especiais enfocando o contexto lúdico no qual as atividades se desenvolvem, em especial, ao que diz respeito às representações simbólicas (ao simbolismo) do ato de montar a cavalo e à riqueza de estimulação sensorial. Dissertando a respeito desta temática “atividades a cavalo para portadores de necessidades especiais”, pretendo levantar algumas discussões que poderiam esclarecer minhas indagações iniciais.

Este trabalho está estruturado em seis tópicos principais para definição do objetivo do trabalho, esclarecimento da metodologia utilizada, apresentação de uma revisão de literatura pertinentes, discussão do problema e apresentação das conclusões finais. Inicialmente é apresentado um breve histórico a respeito da

atividade a cavalo para pessoas portadoras de necessidades especiais em vários países no mundo, incluindo o Brasil, revelando referências da utilização do cavalo como fator regenerador da saúde desde a época de Hipócrates (458- 377 a.C.), em seu compêndio *Das Dietas*. No tópico seguinte é abordado, mais especificamente, a arte da equitação: suas adaptações para portadores de deficiências, seus benefícios, suas áreas de atuação, suas indicações e contra-indicações, seu principal instrumento de trabalho – o cavalo. Segue-se a discussão sobre o fenômeno do jogo, seu significado cultural e seus aspectos educacionais, e o caráter lúdico da atividade com o cavalo, caracterizando-a como um jogo simbólico (de representações) e um espetáculo de estimulação sensorial. Como conclusão, são salientadas as características lúdicas da equoterapia que acabam por motivar seus praticantes: (1) a evasão da vida cotidiana, a tirar pelo ambiente no qual a atividade se desenvolve (frequentemente em campos ao ar livre), (2) ao fator risco e imprevisibilidade sempre presentes nas sessões, visto tratar-se do uso de um instrumento vivo e animado (o cavalo), (3) a possibilidade de emancipação da subjetividade do indivíduo, (5) aos aspectos educacionais das atividades e, finalmente, (6) ao uso da totalidade da energia do indivíduo, anulando o cansaço físico e mental.

O trabalho foi elaborado como conclusão do curso de especialização em Atividade Motora Adaptada da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Em experiências anteriores ao curso, confesso que, apesar da minha formação em fisioterapia, a figura da pessoa portadora de deficiência, por vezes, me penalizou. Ao longo desta formação, tive a oportunidade de aprender que, se forem potencializadas as suas capacidades e dadas as devidas oportunidades, a pessoa portadora de necessidades especiais pode ser muito mais capaz do que qualquer pessoa dita “normal”, e que ela não deve ser digna de pena, mas sim de admiração.

2 METODOLOGIA

Revisão bibliográfica sobre atividade a cavalo para pessoas portadoras de necessidades especiais, jogos e atividades lúdicas com base em textos que datam os anos de 1977 a 2001.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 HISTÓRICO DA ATIVIDADE A CAVALO PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Inicialmente o cavalo serviu de caça, para alimentar a fome do homem. Depois o homem passou a domesticar o animal, e percebeu que o cavalo poderia suprir sua necessidade de deslocamento, quer sendo montado, quer tracionando carros e arados. Na antiguidade, a 4000 - 5000 anos atrás, o cavalo já era usado pelos sumérios, como meio de transporte, quando usavam veículos de tração animal. O homem passou, então, a cavalgá-lo e dele se servia para deslocar-se, ligando-o fortemente ao seu território e partindo montado para combates em defesa desse território (LUBERSAC e LALLERY, 1996). Na Idade Média, os chineses, egípcios, assírios e romanos tinham no cavalo a força de seus exércitos. No Novo Mundo eles chegaram com os conquistadores e seus cavalos ibéricos, a 400 anos. Ao longo da história o homem percebeu que o cavalo poderia beneficiá-lo também na manutenção e/ou restabelecimento de sua saúde física e mental.

Hipócrates De Loo (458 - 377 a.C.), no seu livro *Das Dietas*, faz referência à equitação para "regenerar a saúde e preservar o corpo humano de muitas doenças, sobretudo para o tratamento da insônia". Segundo o autor a "equitação ao ar livre faz com que os músculos melhorem o seu tônus" (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Asclepiades De Prússia (124 - 40 a.C.) recomendava o movimento do cavalo a pacientes caquéticos, gotosos, hidrópicos, epiléticos, paralíticos, apopléticos, letárgicos, frenéticos e para os acometidos de febre terçã (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Galeno (130 - 199), consolidador e divulgador dos conhecimentos da medicina ocidental, enfatizou os benefícios da atividade eqüestre. Médico particular do Imperador Marco Aurélio, Galeno recomendou a prática da equitação ao Imperador como forma de fazer com que ele tomasse decisões com mais rapidez (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000, d).

Na cultura árabe, tão ligada à atividade eqüestre, encontram-se, no período da Idade Média, registros do benefício ligado a essa atividade; foram encontradas partes de um texto de pedagogia com a disciplina eqüestre, redigido por mestre hititas (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Merkurialis (1569), em sua obra *Da arte gymnastica*, menciona uma observação feita por Galeno, de que a equitação não detém posição secundária entre os exercícios e ginásticas, pois exercita não só o corpo, mas também os sentidos. O autor faz menção aos diferentes tipos de andaduras, e afirma que a equitação aumenta o “calor natural” e remedeia a “escassez de excreções” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

No início do século XIV, Cesare Borgia afirmou que “aquele que deseja conservar uma boa forma física, deverá cavalgar” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Thomas Sydenham (1624 - 1689), médico inglês, aconselha em seu livro sobre a gota (*Tractatus de godraga*), em 1681, a prática assídua do esporte eqüestre. Em *Observationes Medical* (1676), já afirmava que “a melhor coisa que eu conheço para fortificar o sangue e a mente é montar diariamente e fazer longos passeios ao ar livre”, aconselhando a atividade eqüestre como tratamento ideal para tuberculose, cólicas biliares e flatulências. Sydenham colocou seus próprios cavalos à disposição de pacientes pobres. É provável que a idéia de filantropia, que hoje constitui um dos princípios fundamentais da equoterapia, tenha vindo deste ato (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

Essa tese foi aceita favoravelmente por George E. Stahl (1660 - 1734) e pelo médico pessoal da Imperatriz Maria Tereza da Áustria, que pertencia à primeira escola de medicina de Viena. De acordo com o médico da Imperatriz, as fibras musculares tornavam-se menos excitáveis praticando-se este esporte, razão pela qual diminuíam os episódios de hipocondria e de histeria (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Em 1719, Friedrich Hoffmann escreve a obra *Instruções aprofundadas de como uma pessoa pode manter a saúde e livrar-se de graves doenças através da prática racional de exercícios físicos*. Nesta obra, Hoffmann dedica um capítulo à equitação e a seus imensos benefícios, definindo o passo como sendo a andadura mais salutar (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Francisco Fuller (1654 -1734) no tratado *Medicina Gynastica*, publicado em 1704, descreve a equitação como sendo um método eficaz contra a hipocondria, método testado pelo próprio autor (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Chales S. Castel (1734), médico e abade de Saint Pierre, para aliviar o ônus econômico representado pelo custo de um cavalo e a necessidade de pistas cobertas, a serem usadas quando as condições meteorológicas não permitissem a prática desportiva ao ar livre, inventou uma "cadeira vibratória " que denominou *tremousoir*, lembrada por Voltaire, que mencionou tê-la usado, com enorme benefício para a cura de uma espasticidade que o afligia (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

Samuel T. Quelmalz (1687 - 1758), médico alemão, também inventou uma cadeira eqüestre, demonstrando como a questão do movimento e dos exercícios físicos era encarado pelos médicos da época. Esta máquina era uma espécie de guindaste, que imitava da melhor forma possível os efeitos produzidos pelo movimento do cavalo. Em sua obra *A saúde através da equitação*, 1747, encontramos pela primeira vez uma referência do movimento

tridimensional do dorso do cavalo (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

John Pringle (1707 - 1782), nas *Observações acerca das doenças dos militares (1752)*, afirmou que o exercício eqüestre é um elemento valioso para preservar a saúde dos exércitos, “como se pode observar nas doenças epidêmicas, às quais a infantaria está mais sujeita do que a cavalaria” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Giuseppe Benvenuti, médico italiano das termas dos Banhos de Lucca, se interessou pelo assunto e dedicou a Sigismundo Chigi, príncipe de Farneta, com os votos de “restabelecimento da saúde com esta prática” o livro *As reflexões acerca dos efeitos do movimento a cavalo*, em 1772, onde diz que a equitação, além de manter o corpo são e de promover diferentes funções orgânicas, causa uma ativa função terapêutica (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Joseph C. Tissot, em 1782, tratou exaustivamente dos efeitos dos movimentos eqüestre em seu livro *Ginástica Médica ou Cirúrgica ou Experiência dos Benefícios Obtidos Pelo Movimento*. Além dos efeitos positivos, Tissot também faz referência, pela primeira vez, às contra-indicações da prática excessiva deste esporte. Ele descreveu os diferentes efeitos das várias andaduras, entre elas, o passo - considerado como sendo a mais eficaz do ponto de vista terapêutico (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

Goethe (1740 - 1832), poeta alemão, cavalgava diariamente e reconheceu o valor salutar das oscilações do corpo, acompanhando os movimentos do animal, a distensão benéfica da coluna vertebral, determinada pela posição do cavaleiro sobre a sela e o estímulo delicado, porém constante, feito à circulação sangüínea. Goethe cita: “O motivo pelo qual o adestramento tem uma ação tão benéfica sobre as pessoas dotadas de razão é que aqui é o único lugar no mundo onde é possível entender com o espírito e observar com os

olhos a limitação oportuna da ação e a exclusão de qualquer arbítrio e do caso. Aqui homem e animal fundem-se num só ser, de forma que não sei se saberia dizer qual dos dois está efetivamente adestrando o outro” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Gustavo Zander, fisiatra sueco e mecanoterapeuta, em 1890, foi o primeiro a afirmar que as vibrações com 180 oscilações por minuto, transmitidas ao cérebro, estimulam o sistema nervoso simpático. Zander comprovou isto , sem associar ao cavalo. Em 1984, quase cem anos depois, o médico e professor Dr. Detlvev Rieder, chefe da unidade neurológica da Universidade Martin Luther, da Alemanha, mediu estas vibrações sobre o dorso do cavalo ao passo e, incrível coincidência, corresponde exatamente aos valores que Zander havia recomendado (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Em 1901 foi fundado o primeiro hospital ortopédico do mundo, o Hospital Ortopédico de Oswentry, na Inglaterra, e com a guerra dos Boers, na África do Sul, o número de feridos hospitalizados tornou-se grande. Uma dama inglesa, patronesse do hospital, resolveu levar os seus cavalos para lá, a fim de quebrar a monotonia do tratamento dos mutilados. Este é o primeiro registro de uma atividade equoterápica em um contexto hospitalar (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

Em 1917, no Hospital Universitário de Oxford, foi fundado o primeiro grupo de equoterapia, para atender o grande número de feridos da Primeira Guerra Mundial, também com a idéia fundamental de lazer e de quebra de monotonia do tratamento (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Liz Hartel, amazona dinamarquesa acometida por uma forma grave de poliomielite aos 16 anos , continuou a praticar equitação mesmo após a lesão. Em 1952, nas Olimpíadas de Helsink, Hartel sagrou-se vice-campeã em adestramento eqüestre, competindo com

os melhores cavaleiros do mundo. O público só percebeu seu estado quando ela, ao apelar do cavalo para subir ao pódio, teve de se valer de duas bengalas canadenses. Esta façanha foi repetida em 1956, nas Olimpíadas de Melbourne. Os resultados obtidos por ela despertaram a atenção da classe médica, que passou a se interessar pelo programa da atividade eqüestre como meio terapêutico (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

Em 1954, na Noruega, aparecia a primeira equipe interdisciplinar formada por uma fisioterapeuta e um psicólogo e instrutor de equitação. Em 1956 foi criada a primeira estrutura associativa, na Inglaterra, de atividade eqüestre para reabilitação (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

Em 1965 foi criado o Conselho de Orientação do Hipismo para deficientes Físicos, sob os auspícios da Sociedade Britânica de Hipismo (ADAMS et al., 1985).

Por volta de 1960 foi iniciada a hipoterapia nos Estados Unidos. Em 1969 foi criada a Associação Americana de Hipoterapia para Deficientes. Hoje a Associação Norte-Americana de Hipismo para Deficientes, criada em 1969, é o principal órgão que orienta o hipismo para os deficientes físicos nos Estados Unidos e no Canadá (ADAMS et al., 1985).

Na França, a reeducação eqüestre nasceu em 1965, como mencionam De Lubersac e Lalleri na introdução de seu manual intitulado *A Reeducação Através da Equitação (1973)*, porém, em 1963, esta atividade já era utilizada empiricamente, como menciona Killilea em seu livro *De Karem com amor*, onde conta a história de uma jovem deficiente reeducada com a equitação e a natação. Na França, a atividade logo foi notada como uma possibilidade do portador de deficiência se recuperar e valorizar as próprias potencialidades. Em 1965, a equoterapia torna-se uma matéria do currículo universitário e, em 1969, teve lugar o primeiro trabalho científico de equoterapia no Centro Hospitalar Universitário da

Universidade de Salpêtrière, em Paris. Em 1972 foi feita a defesa da primeira tese de doutoramento em medicina, em reeducação equestre, na Universidade de Paris, em Val-de-Marne, pela Dra. Collete Picart Trintelin. E em 1974, foi realizado o 1º Congresso Internacional em Paris para estudo da equoterapia, que se repete a cada três anos (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

De 1974 a 1994 acontecem os Congressos Internacionais sobre Equoterapia. Em 1985, em Milão, Itália, acontece o 5º Congresso Internacional e é criada a Federação Internacional de Equoterapia, Federation Riding Disabled International (FRDI), hoje com sede na Bélgica (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 a).

Em 1988, em Toronto, no Canadá, no 6º Congresso Internacional, foram debatidas as diferentes abordagens do emprego do cavalo com fins terapêuticos. A Grã-Bretanha e países escandinavos utilizaram a expressão "Equitação para Deficiente", priorizando o efeito lúdico da atividade, isto é, prazer e esporte como estimuladores dos efeitos terapêuticos. A Alemanha e os demais países de língua alemã acentuaram o lado técnico-científico, setorizando a atividade em hipoterapia (para situações patológicas com bons prognósticos), volteio (para problemas psíquicos), e pré-esporte. A França e a Itália desenvolveram a temática de estabelecer normas para manter a idoneidade da atividade e a qualificação de pessoal que faria uso do cavalo como instrumento terapêutico. A França trazia as denominações: "Equotherapie" e "Equitation Therapeutique", utilizando, também o termo genérico "Therapie Avec le Cheval". Na Itália, para a atividade como um todo, usava-se a expressão Terapia por Meio do Cavalo e também Reeducação Equestre. A Associazione Nazionale Italiana di Riabilitazione Equestre adotava quatro momentos fundamentais no uso do cavalo: hipoterapia (cavalo instrumento cinesioterápico), reeducação equestre (cavalo como instrumento pedagógico), pré-esporte (cavalo como promotor da realidade social) e esporte (cavalo como promotor

da inserção social) (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

No Brasil, em 10 de maio de 1989, é fundada, em Brasília, a Associação Nacional de Equoterapia - ANDE-BRASIL. A ANDE-BRASIL é uma sociedade civil, de caráter filantrópico, terapêutico, educativo, desportivo e assistencial, com atuação em todo o território nacional, hoje com sede e foro em Brasília. A Associação Nacional é uma entidade de consultoria técnica em Equoterapia da Sociedade Brasileira de Medicina Física e de Reabilitação. A entidade é reconhecida e declarada como entidade de Utilidade Pública Federal (DOU de 20.11.92) e Utilidade Pública no Distrito Federal, N°.20.279/99 (DO/DF de 27. 05.99). A Associação está registrada no (a) Conselho Regional de Medicina/DF, N°. 763, no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) do Ministério da Justiça, N°. 28010.000978/9146, na Secretaria do Desenvolvimento Social e Ação Comunitária/DF, N°.206/92, e no Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente/DF, N°. 78/96 (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

A criação da Associação Nacional de Equoterapia objetivou a institucionalização das práticas terapêuticas feitas com o cavalo e a cavalo, dentro de uma doutrina nacional, formulada por profissionais brasileiros das áreas de saúde, educação e equitação, obedecendo a legislação e a formação cultural brasileira. Objetivou-se também facilitar o reconhecimento técnico-científico dos benefícios decorrentes deste método de reabilitação e educação, pelas autoridades governamentais das áreas de saúde e educação.

Além da Associação Nacional foi criado também uma palavra peculiar para denominação deste método englobando todos os conceitos referentes à reabilitação e educação feitos a cavalo, fora da influência estrangeira. A palavra "equoterapia" foi criada pela ANDE, segundo o parecer n.º 06/97 de 09 de abril de 1997, aprovado pelo Conselho Federal de Medicina, referindo-se a um

método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

Dentre as normas estatutárias da ANDE-BRASIL inclui-se: (1) contribuir para a reabilitação e educação de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais, mediante a prática da equoterapia; (2) utilizar a equitação de forma didático-pedagógica na educação do caráter de jovens e na inserção social de pessoas com distúrbios comportamentais; (3) estimular a prática do esporte hípico; (4) utilizar a competição esportiva como complemento terapêutico e educativo (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

Em 1991, acontece no Brasil, o 1º Encontro Nacional de Equoterapia com apoio da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) do Ministério da Justiça e da Universidade Paulista (UNIP - Objetivo) e 1º Curso de Extensão de Equoterapia, ministrado pela Dra. Danièle Nicolas Cittério - diretora da Escola Nacional da Associazione Nazionale Italiana di Riabilitazione Eqüestre (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

Em São Paulo, a hipoterapia foi introduzida pelo fisioterapeuta Frenando Lages Guimarães em 1989, para tratamento de crianças portadoras de lesões cerebrais. Em 1998 foi fundada a Associação de Equoterapia Paulista.

O Exército brasileiro tem estabelecimentos, pelo menos no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde a equoterapia é praticada regularmente para portadores de várias deficiências físicas e mentais. Inúmeros outros grupos multiprofissionais estão se formando, empolgados com os benefícios obtidos com esta modalidade terapêutica.

3. 2 EQUITAÇÃO

A equitação é a arte de montar a cavalo, adestrá-lo e prepará-lo para as diversas atividades em que o animal pode ser utilizado (HARAS RANCHO GG, 2001).

No Brasil, esta arte é adotada principalmente pelo Exército Brasileiro, cujos oficiais e sargentos de cavalaria repassaram esta doutrina à sociedade civil ajudando a criar hípicas e colaborando com a formação de oficiais de cavalaria da reserva, nos Centros de Preparação de Oficiais e através da Escola de Equitação do Exército. Esta doutrina tem suas origens inicialmente nos manuais alemães e nos livros e manuais franceses, segundo a orientação de grandes mestres, numa sabia aplicação das leis conhecidas sobre a associação de sensações no adestramento do cavalo e dos princípios professados na Escola de Cavalaria de SAMUR - França

O adestramento refere-se a doma do cavalo tendo por objetivos desenvolver e explorar as forças físicas e as qualidades morais do cavalo, desenvolver a submissão às ajudas, obtidas por uma educação racional e progressiva que exclua qualquer efeito de força, e procurar o equilíbrio e o endireitamento do animal (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 f).

Já o Hipismo se refere exclusivamente às competições realizadas com o cavalo, incluindo: (1) o hipismo clássico, que são as três modalidades de competições consideradas olímpicas (salto de obstáculos, concurso completo de equitação, adestramento ou dressagem); (2) o volteio olímpico; (3) o polo; (4) o pato, jogo argentino semelhante ao polo; (5) a corrida de cavalo, inclusive a corrida de trote, com o cavalo atrelado em charretes especiais; e (6) as competições de tração animal, atrelagem, carruagens e charretes (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 f).

A equitação é também um esporte que ocupa uma posição muito especial entre os outros esportes devido ao fato de seu instrumento ser uma criatura viva e animada. Tudo o que é realizado nessa atividade acha-se intimamente ligado à maneira de pensar e sentir dessa criatura, o cavalo. O cavaleiro deve possuir não apenas qualidades físicas como força, destreza, resistência, mas também inteligência, capacidade de decisão, paciência, presença de espírito e audácia, além de conhecimentos sobre fenômenos físicos, fisiológicos e psicológicos presentes na associação cavaleiro-cavalo, a fim de que possa adaptar a eles sua conduta e sua ação. Segundo ROMASZKAN (1977), montar a cavalo é aplicar com precisão as leis da mecânica estática e dinâmica, bem como noções de anatomia, fisiologia e psicologia ao próprio corpo e ao do cavalo.

Qualquer pessoa que quiser aprender a andar corretamente a cavalo precisa saber algo sobre a anatomia do animal, sobre a sua psicologia e sobre o método de treiná-lo (ADAMS et al., 1985).

Como todos os esportes, a equitação como prática esportiva, propicia ao corpo do praticante uma atividade física global desenvolvendo a destreza, a robustez muscular, as qualidades morais e, com muito mais abrangências, o equilíbrio, a coordenação motora e mantém, na evolução fisiológica do praticante, uma justa medida de força e flexibilidade, bem como a dosagem adequada de ação e da inibição integrando o corpo e o espírito. A prática do adestramento do cavalo, desenvolve ainda, a tenacidade, a perseverança, a calma, a paciência e o domínio de si mesmo, todas virtudes antagônicas à cólera, ao desatino e à precipitação.

A equitação, portanto, além de ser uma prática esportiva nobre e salutar, se constitui em um importante instrumento de educação e formação do caráter dos jovens.

3. 2. 1 A EQUITAÇÃO COMO ESPORTE ADAPTADO

A introdução de jogos, esportes e atividades adaptados às necessidades dos indivíduos com deficiências físicas remota ao fim da Segunda Guerra Mundial. Naquela época, milhares de veteranos de guerra se juntaram ao grupo já existente de pessoas portadoras de deficiências congênitas ou de origem traumática. Os veteranos que voltavam dos campos de batalha necessitavam não somente de reabilitação física, mas também de recuperação emocional, social e psicológica. Foi desta maneira que os veteranos e os profissionais encarregados de lhes dar assistência começaram a explorar as possibilidades dos esportes, dos jogos e das atividades em relação aos “incapacitados” (ADAMS et al., 1985).

A participação em esportes e jogos adaptados às suas possibilidades conferiam ao indivíduo a oportunidade de desenvolver o seu condicionamento físico, de se dedicar a atividades de lazer, de se tornar mais ativo, de aprender habilidades e de colher experiências positivas no grupo e no ambiente social. Graças às atividades recreativas, os deficientes físicos encontraram a motivação necessária para participarem da comunidade mais ampla, de produzir, de trabalhar e de assumir papéis de liderança na comunidade (ADAMS et al., 1985).

O esporte pôde, portanto, atender às necessidades terapêuticas, no sentido de promover a reabilitação física e psicológica do paciente em direção à independência pessoal.

Reportando mais especificamente à equitação, como já mencionado, a atividade equoterápica em contexto hospitalar, acontece a partir de 1901, na Inglaterra, quando a patronesse do Hospital Ortopédico de Oswentry, levou seus cavalos para lá, a fim de quebrar a monotonia do tratamento de mutilados. Desde então, como visto inicialmente no histórico, a atividade a cavalo como esporte estimulador de efeitos terapêuticos, vem se concretizando pelo mundo.

Existem já algumas adaptações elaboradas para auxiliar o portador de deficiência na prática da equitação. Os aparelhos adaptados destinam-se geralmente aos deficientes físicos, para compensar a perda da função e/ou da força muscular (ADAMS et al., 1985). O encilhamento especial está sendo aprimorado e cientificamente estudado, para atender às necessidades dos praticantes e as exigências técnicas da equipe de profissionais que aplicam a atividade. Em ADAMS et al (1985) são citados alguns exemplos de encilhamentos adaptados:

- as mantas para equoterapia (por exemplo, a manta de drenagem pulmonar, a mini manta para redução);
- a sobrecilha com alça;
- a barra adaptada às rédeas, ou algum dispositivo semelhante montado entre as rédeas, à distância certa em relação a boca do cavalo, válida para o cavaleiro com deficiência de um dos membros superiores;
- as espumas de borracha para forrar as rédeas, a fim de facilitar a preensão manual, tornando as rédeas mais espessas e mais fáceis de segurar, aumentando simultaneamente a força dos músculos necessários para segurá-la;
- a Rédea de Humes – uma rédea, com alças ovais para o encaixe das mãos – destinada às pessoas que apresentam comprometimento das mãos (casos de amputação, artrogripose, hemiplegia), permitindo ao cavaleiro andar com segurança e êxito, embora a força que controla o animal provenha dos movimentos de punho e braços;
- o cinto de segurança – um cinto ou um colete de lona, com alças para os acompanhantes segurarem o praticante – útil para o cavaleiro inseguro ou que tem dificuldade de se manter equilibrado em posição sentado;
- a Bota de Devonshire evita que o pé do cavaleiro escorregue através do estribo, prestando bons serviços às pessoas que

apresentam fraqueza dos músculos do tornozelo ou encurtamento do tendão de Aquiles.

3. 2. 2 ÁREAS DE APLICAÇÃO DA EQUOTERAPIA

Os princípios fundamentais que norteiam as atividades equoterápicas no Brasil atentam para a importância da integração social dos praticantes e do trabalho interdisciplinar dos profissionais ao determinar que as atividades equoterápicas devem ser desenvolvidas por equipe interdisciplinar, que envolva o maior número possível de áreas profissionais nos campos da saúde, educação e equitação (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

As atividades com e a cavalo podem, portanto, ser aplicadas às áreas da educação (para pessoas com necessidades educativas especiais), na área social (para pessoas com distúrbios evolutivos ou comportamentais) e reabilitação (para pessoas portadoras de deficiências físicas e/ou mentais). O cavalo, portanto, pode ser utilizado como agente pedagógico, cinesioterápico e/ou de inserção social (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

Na equoterapia podem ser desenvolvidos três programas básicos de atividade: (1) hipoterapia; (2) educação/reeducação e (3) pré-esportivo (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

A hipoterapia é o programa essencialmente da área de reabilitação, voltado para as pessoas portadoras de deficiências físicas e/ou mentais, e que não apresentam ainda condições de manterem-se sozinhas a cavalo. Neste programa o cavalo é usado principalmente como instrumento cinesioterápico. As atividades envolvem um auxiliar-guia para conduzir o cavalo, um profissional da área da saúde, a pé ou montado junto com o praticante (o carona),

para orientar exercícios programados, e um ou mais auxiliar(es) lateral (is) para manter o praticante montado (e o terapeuta, se for o caso), dando-lhe (s) segurança.

O programa educação/reeducação pode ser aplicado tanto na áreas da reabilitação ou da educação. Neste caso, o praticante tem condições de exercer alguma atuação sobre o cavalo e conduzi-lo, dependendo em menor grau do auxiliar-guia e do auxiliar-lateral. A ação dos profissionais de equitação tem mais intensidade, embora os exercícios devam ser programados por toda a equipe. O cavalo atua como instrumento pedagógico e continua propiciando benefícios pelo seu movimento tridimensional e multidirecional.

O programa pré-esportivo também pode ser aplicado nas áreas educacional ou de reabilitação. Aqui o cavalo é usado como instrumento de inserção social. O praticante tem boas condições para atuar e conduzir o cavalo, podendo desenvolver exercícios específicos de hipismo. A ação do profissional de equitação é mais intensa, necessitando, contudo, da orientação dos profissionais de saúde e educação.

A pessoa portadora de necessidades especiais pode ainda se valer do cavalo para realizar um programa de equitação terapêutica, o qual se refere a cavalgadas em áreas livres, em que os praticantes são mais independentes e dominam bem a técnica de montaria em ambientes naturais, que propiciam a exploração de áreas desconhecidas com grande sensação de aventura e desbravamento (BOTELLHO, 1997).

3. 2. 3 OS BENEFÍCIOS DAS ATIVIDADES COM O CAVALO

O portador de necessidades especiais, como indivíduo, apesar de sua limitação, possui as mesmas necessidades básicas de uma pessoa dita normal; ele também quer ter sucesso, reconhecimento,

aprovação, e ser desejado. O deficiente físico necessita sim de oportunidades especiais para uma auto-exploração, de modo a tornar-se envolvido com alguma coisa e aceito pela sociedade (ADAMS et al., 1985).

A possibilidade de se divertir e as reações positivas advindas da participação em algumas atividades que envolvam jogos ou esportes melhoram, muitas vezes, o desenvolvimento social da pessoa pois o aperfeiçoamento de determinada habilidade, através do esporte ou do jogo, favorece certos aspectos positivos do comportamento, tais como a melhora da auto-estima e o aumento da interação social baseada na colaboração (ADAMS et al., 1985).

Os efeitos físicos e psíquicos da atividade com o cavalo, em particular, são benéficos para os portadores de necessidades especiais, uma vez que, o ato de cavalgar estimula e desafia, levando ao aumento da autoconfiança, do auto-controle e da auto-estima. É uma recreação com um esporte vital, favorecendo a socialização, através do contato com o cavalo e outras pessoas, incluindo a equipe de profissionais que desenvolvem a atividade. Facilita o aprendizado pela atenção, concentração, disciplina e responsabilidade exigidos para cuidar e manejar um grande animal a despeito das limitações intelectuais, psicológicas e físicas, e outros déficits cognitivos e do comportamento. Animal que se deixa montar e manusear, o cavalo se transforma em um amigo com o qual o praticante cria um relacionamento afetivo importante; o animal se transforma em um personagem da vida do cavaleiro, passando a ser um ponto de contato sedutor com o mundo que a rodeia (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 c).

O movimento tridimensional do dorso do cavalo ao passo (para baixo e para cima, latero-lateral, antero-posterior e com discretas rotações), assemelha-se ao movimento da bacia pélvica humana durante a marcha e, ajuda a fornecer imagens cerebrais seqüenciais e impulsos importantes para se aprender ou reaprender a andar. Este movimento rítmico-balançante estimula o metabolismo, regula o

tônus e melhora os sistemas cardiovascular e respiratório. O cavalo mesmo parado, nunca permanece imóvel; o animal troca seus pontos de apoio, espanta os insetos que o perturbam, movimentando a cabeça em direção a algo que queira ver, se assusta facilmente. Portanto, os movimentos e as mudanças constantes de equilíbrio do animal estimulam o sistema vestibular e solicita uma adaptação incessante do equilíbrio do praticante, fortalecendo a musculatura e treinando a coordenação (PHAENDER JUNIOR, 1999). O cavaleiro adapta o seu centro de gravidade ao do cavalo e aprende a se manter em equilíbrio, ajustando a posição de seu corpo, a fim de compensar os movimentos do animal (ADMS et al., 1985). A impotência e a altura do cavalo desenvolve a coragem e a autoconfiança, a concentração e o sentimento de independência do cavaleiro. A docilidade do animal e o contato freqüente com ele desenvolvem a calma, a capacidade social e a capacidade de comunicação da pessoa (PHAENDER JUNIOR, 1999).

Portanto, muitos são os benefícios físicos e psíquicos obtidos com atividades a cavalo, resumidos e citados pela ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA (2000 b) (pretendemos, no desenvolver do trabalho, discuti-los mais detalhadamente):

- melhora o equilíbrio e a postura;
- desenvolve a coordenação de movimentos entre tronco, membros e visão;
- estimula a sensibilidade tátil, visual, auditiva e olfativa pelo ambiente e pelas atividades com o cavalo;
- promove a organização e a consciência do corpo;
- desenvolve a modulação tônica e estimula a força muscular;
- oferece sensações de ritmo;
- aumenta a auto-estima, facilitando a integração social;
- desenvolve a coordenação motora fina;

- estimula o bom funcionamento dos órgãos internos;
- ajuda a superar fobias, como a de altura e a de animais;
- estimula a afetividade pelo contato com o animal;
- melhora a memória, concentração e seqüência de ações;
- motiva o aprendizado;
- encoraja o uso da linguagem;
- ensina a importância de regras como a segurança e a disciplina;
- aumenta a capacidade de independência, a auto-confiança, o espírito de decisão, a iniciativa e a resolução,
- promove a sensação de bem-estar, motivando a continuidade do tratamento.

3. 2. 4 INDICAÇÕES E CONTRA-INDICAÇÕES

As atividades com e a cavalo ou com o cavalo são indicadas, de maneira geral, no casos de algumas patologias ortopédicas (traumáticas ou congênitas); deficiências sensoriais (audio, fono, visual); lesões neuromotoras (do sistema nervoso central e periférico); síndromes neurológicas em geral; atraso maturativo; alterações na integração sensorial; dificuldades de aprendizagem; distúrbios comportamentais; distúrbios evolutivos de personalidade e dificuldades de integração social.

Para dá-se início a qualquer atividade, no entanto, faz-se necessários a indicação e a avaliação médica, onde estarão especificadas as restrições e cuidados cabíveis a cada caso, em particular.

Como precauções e contra-indicações para as atividades a cavalo, citadas pela ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA (2000 b) encontram-se:

- quadros inflamatórios e infecciosos;
- afeções graves da coluna vertebral, como cifoses graves e escolioses acima de 40 graus (evitar posturas verticais);
- luxações, sub-luxações e artrose de quadril;
- pouca sensibilidade na região do quadril;
- crânio com o fechamento ósseo ainda incompleto;
- instabilidade nas articulações vertebrais por frouxidão ligamentar cervical (mais específico aos portadores de Síndrome de Down). Alguns autores colocam os portadores de Síndrome de Down com menos de 3 anos contra-indicados para práticas equoterápicas (HARAS RANCHO GG, 2001);
- extensão cruzada de membros inferiores e espasticidade sem mobilidade;
- espinha bífida;
- espondilólise, espondilolistese ou hérnia de disco intervertebral;
- epilepsia;
- obesidade (risco à segurança, maior quando associada à hipotonia);
- medo excessivo;
- fraturas patológicas com tratamento malsucedido da patologia subjacente (osteoporose grave, osteogênese imperfecta, tumor ósseo, etc);
- hemipelvectomy;
- hemofilia com histórico recente de episódios de hemorragia;
- ferimentos abertos sobre uma superfície de sustentação (ísquio, região medial da coxa, joelhos, etc);
- catéter uretral alojado;

- distúrbios ativos da saúde mental e problemas comportamentais do praticante que podem colocar em risco sua segurança própria ou a da equipe (incendiários, suicidas, abuso de animais, etc) (HARAS RANCHO GG, 2001).

Conforme forem os objetivos do tratamento, alguns dos casos mencionados podem ser atendidos pela equoterapia, desde que a coluna vertebral seja pouco exigida nas atividades contra a ação da gravidade.

3. 2. 5 O CAVALO

O cavalo é um dos animais mais importantes na história da humanidade. Consta que apareceu há cerca de 50 milhões de anos. Era um animal de pequeno porte, do tamanho de uma raposa que sofreu várias mudanças até atingir a conformação atual. Os cientistas acreditam que o mais antigo antepassado do cavalo era um pequeno animal com 25 a 50cm de altura, que viveu a cerca de 55 milhões de anos na parte do mundo que é hoje a Europa e a América do Norte. Tinha o dorso arqueado (curvo) e o nariz em forma de focinho. Parecia mais cão de corrida, do que o moderno cavalo de dorso reto e cara comprida. Tinha quatro dedos nos pés dianteiros e três, nos pés traseiros. Cada dedo terminava com um pequeno casco separado.

O contato com o homem propiciou no cavalo diversas mudanças tanto físicas como morais (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 e). Há cerca de 1 milhão de anos, os cavalos tinham provavelmente a mesma aparência do cavalo moderno, sendo que eram maiores do que seus antepassados. Os dedos laterais se transformaram em ossos laterais das patas e deixaram com que o casco central sustentasse o peso do animal. Os dentes também mudaram, passam a ser mais aptos a comer capim. Os

cientistas agrupam estes cavalos, junto com seus antepassados, em um gênero chamado Equus.

A obediência e a complacência do cavalo fizeram dele um dos animais mais úteis para o homem.

O cavalo é um animal gregário, gosta de viver em manadas. A manada dá a eles segurança e permite relacionamento afetivo. O cavalo precisa sempre de um líder, a quem todos os outros animais obedecem, normalmente um garanhão, que se sobressaia na manada, assumindo a liderança. Este animal tem a estruturação social assegurada pela estruturação espacial. Domesticado, o cavalo passou a viver isolado e o homem passou a ser o seu líder (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 e).

O sistema límbico do cavalo é bem desenvolvido possibilitando a afetividade. O córtex do animal é proporcionalmente pequeno e a capacidade de raciocínio é somente associativo, não causal.

O cavalo é um animal de inteligência modesta e de baixa capacidade para entender situações e objetos que lhe são estranhos, portanto, ele é tímido por natureza, assustando-se e confundindo-se com facilidade. Por outro lado, possui memória espetacular, e por isso consegue aprender a obedecer as ordens do cavaleiro, associando uma mesma situação com determinada ordem (ADAMS et al., 1985).

O comportamento do cavalo é 90-95% regido por seus reflexos e instintos; somente 5-10% são influenciados pelo ambiente e podem ser mudados pelo aprendizado.

Herbívoro, não agressivo, sem defesa (animal de fuga), com grande motricidade, o cavalo comunica-se mediante sons e linguagem corporal.

Sua visão imprecisa, com olhos dos dois lados do crânio, permite uma focalização individual, os movimentos ficam separados, sem

focalização gradual. Detalhista, sem visão ou compreensão global. Tem necessidade de ajustar o foco levantando a cabeça.

O cavalo executa instintivamente três andaduras: o passo, o trote e o galope.

O passo é uma andadura simétrica (com variações simétricas da coluna vertebral do animal com relação ao seu eixo longitudinal), rolada ou marchada (onde sempre há um membro apoiado no chão), basculante em consequência dos movimentos do pescoço do cavalo, e a 4 tempos. O passo é a andadura mais favorável ao estabelecimento da linguagem convencional entre o cavalo e o cavaleiro, em virtude das fracas reações que ela produz no assento do cavaleiro, permitindo a este permanecer em íntima ligação com sua montada e, portanto, em condições de dar às suas indicações o máximo de precisão. Nesta andadura o sistema nervoso do animal está pouco excitado e o sistema muscular fracamente tenso, conservando-se deste modo o cavalo em bom estado de receptividade. Esta é, portanto, a andadura mais eficaz sob o ponto de vista terapêutico (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 e).

O trote é uma andadura simétrica também, saltada (há suspensão dos membros), fixada porque os movimentos do pescoço do animal são quase imperceptíveis, a 2 tempos. O trote é a andadura essencial para o adestramento (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 e).

O galope é uma andadura assimétrica, também saltada, muito basculada, a 3 tempos.

Não existe uma raça própria de cavalo para a realização de equoterapia, e muito menos o cavalo ideal. O binômio cavalo-portador de necessidades especiais é uma entidade dinâmica, de maneira que nenhum princípio pode ser definido com precisão. No entanto, algumas características devem ser consideradas: (1) o cavalo deverá ter as três andaduras regulares (passo, trote e

galope); (2) ser equilibrado (tendo o centro de gravidade abaixo do garrote) para que o praticante fique mais perto do centro de gravidade do cavalo e seu corpo fique como se estivesse em pé; (3) ter altura mediana (a altura do garrote de cerca de 1,50 m); (4) possuir um antemão com espáduas largas e bem musculadas, por ser mais cômodo e para que a menor contração seja percebida pelo cavaleiro; (5) o segmento dorso-lombar não deve apresentar um garrote muito saliente; (6) o flaco deverá ter uma circunferência discreta para evitar a grande abertura dos membros inferiores do cavaleiro; (7) o post-mão deverá ser largo, musculado e confortável propiciando a manutenção da correta postura do cavaleiro (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 e).

3.3 O JOGO

Existem várias tentativas de definição da função biológica do jogo, conforme nos coloca HUIZINGA (1993). Algumas teorias definem as origens e o fundamento do jogo em termos de descarga extra de energia vital. Outras teorias o definem como satisfação de um certo “instinto de imitação”, ou como uma “necessidade” de distensão. Segundo outra teoria, o jogo constitui a preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá. Outra teoria conceitua o jogo como um exercício de auto-controle indispensável ao indivíduo. Outras teorias abordam o princípio do jogo como um impulso inato para exercer certa faculdade, ou como desejo de dominar ou competir. Teoria há, ainda, que o consideram uma “ab-reação”, um escape para impulsos prejudiciais, um restaurador da energia dispensada por uma atividade unilateral, ou “realização do desejo”, ou uma ficção destinada a preservar o sentimento do valor pessoal. Há, no entanto, um elemento comum a todas estas teorias (elas tendem mais a completarem-se do que a excluírem-se mutuamente): todas partem do pressuposto de que o jogo se acha ligado a alguma coisa que não seja o próprio jogo, que nele deve haver alguma espécie de finalidade biológica (HUIZINGA, 1993).

Este autor menciona: *“O jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. Teremos, portanto, de limitar-nos a descrever suas principais características”* (HUIZINGA, 1993, p. 10).

FREIRE realizou uma fantástica revisão bibliográfica a respeito de como o jogo foi caracterizado por vários autores. Roger Caillois (1990 apud FREIRE, 2001) destaca os seguintes pontos: o jogo é uma atividade livre, voluntária, fonte de alegria e divertimento; o jogo evoca as idéias de facilidade, risco, acaso e/ou habilidade (destreza, inteligência); o jogo é a ocasião de gasto total: tempo, energia; o jogo

implica em perigo e o prazer advém do desafio; o jogo opõe-se ao caráter sério da vida; o jogo desperta a vontade de ganhar como demonstração de superioridade; o jogo representa o limite entre a prudência e a audácia; o jogo envolve regras arbitrárias, imperativas e inapeláveis; o jogo exercita noções de totalidade, regras e liberdade; depois do jogo tudo volta ao normal; o jogo é o sentido dele próprio.

Huizinga (1999 apud FREIRE, 2001) levantou as seguintes características pertinentes: o jogo não é vida corrente nem real, é forma de manipulação da realidade; o jogo é dotado de um fim em si mesmo e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana; o jogo está organizado a partir de regras, regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, criando a ordem; o jogo possibilita repetição; o jogo apresenta valores éticos e sagrados; o jogo é limitado no espaço e no tempo, acontecendo num campo delimitado e imaginário e propiciando um ambiente instável; é uma atividade voluntária que promove liberdade; de ritmo e harmonia cativantes, absorve inteiramente o jogador; o jogo gera alegria, tensão, incerteza, acaso, imprevisibilidade; o jogo aglutina pessoas mesmo após seu término; o jogo apresenta a frivolidade e o êxtase como pólos limitadores; as características lúdicas fixam-se como fenômeno cultural.

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, HUIZINGA (1993) considera-o uma atividade livre, conscientemente tomada exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer lucro, praticada dentro de limites temporais e espaciais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes. Sua função pode, de maneira geral, ser definida por dois aspectos fundamentais: a luta por alguma coisa ou a

representação de alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a representar uma luta, ou então, se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa. O jogo pode situar-se abaixo do nível de seriedade, como os jogos infantis; ou situar-se acima desse nível, quando atingi as regiões do belo e do sagrado.

Uma das características mais importantes do jogo, abordada por HUIZINGA (1993) é sua separação espacial em relação à vida quotidiana, sendo-lhe reservado, quer material ou idealmente, um espaço fechado, isolado do ambiente quotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade. Fazendo a ponte com a equoterapia, lembremos que a atividade acontece em um ambiente totalmente diferenciado, geralmente em campos ao ar livre, portanto em um ambiente naturalmente lúdico.

A essência do lúdico está contida na frase: " Há alguma coisa em jogo". Mas este "alguma coisa" não é o resultado material do jogo, mas o fato ideal de se ter acertado ou do jogo ter sido ganho. A idéia de ganhar é estreitamente relacionada como o jogo, pois ganhar significa manifestar sua superioridade em determinado jogo. A prova desta superioridade tem tendência para conferir ao vencedor uma aparência de superioridade em geral. Ele ganha alguma coisa mais do que apenas o jogo enquanto tal, ganha estima, conquista honrarias, o que concorre para benefício do grupo ao qual o vencedor pertence. Há outro aspecto também importante: o "instinto" de competição não é fundamente um desejo de poder ou de dominação. O que é primordial é o desejo de ser, melhor que outros, de ser o primeiro a ser festejado por este fato (HUIZINGA, 1993).

A essência do espírito lúdico, acrescenta o autor, é ousar, correr riscos, suportar a incerteza e a tensão. A tensão aumenta a importância do jogo, e esta intensificação permite ao jogador esquecer que está apenas jogando (HUIZINGA, 1993).

Se nos reportamos a equoterapia, atentaremos para o fato de que estar sobre um cavalo, ou próximo dele, é sempre uma situação de alerta, a possíveis riscos. Mais uma vez a equoterapia caracteriza-se como atividade lúdica e como tal, extremamente motivante. LAWSON (1998) : o importante é que nosso corpo coloque-se numa situação limite, que exija tensão suficiente para reagir segregando endorfinas, sem gerar stress negativo. Frente a uma situação de stress são segregadas endorfinas destinadas a diminuir a tensão produzida. Se o fluxo de endorfinas é constante e adequado ao stress gerado, este se torna estimulante: é o stress positivo, que adentra em nossa capacidade normal de adaptação e cria em nosso organismo uma resposta no sistema nervoso vegetativo que nos estimula e tonifica. Já o stress negativo faz com que nos sintamos sobrecarregados além das nossas forças; é a estafa. Nesta circunstância, as endorfinas têm dificuldade em corresponder a situação e, aparentemente, falham.

Para Gilles Brougère (1998 apud FREIRE, 2001), o jogo apresenta as seguintes características: não é inato; apresenta troca constante; exige regras geradas pelas circunstâncias, regras flexíveis e construídas coletivamente; é espaço para criatividade e liberdade de escolha onde a criança pode inventar sem riscos; tem uma dimensão aleatória; não é vazio de significados; é cultural.

Jean Chateau (1987 apud FREIRE, 2001) caracteriza o jogo da seguinte forma: o jogo é um mundo a parte; é evasão e compensação; é preparação para o futuro, para condutas superiores; nele a criança imita o adulto e exercita as funções; o jogo é sério, é antes de mais nada uma prova; o jogo tem um fim em si mesmo.

Para Jean Piaget, o jogo não constitui um conduta à parte ou um tipo particular de atividade dentro de outras, se definindo somente por uma orientação da conduta ou por um "pólo" geral de toda atividade. Piaget cita: no jogo "*... os conflitos mais preciso são transpostos de maneira que o eu tira sua desforra, seja pela*

supressão do problema, seja porque a solução se torna aceitável” (PIAGET, 1978 apud FREIRE, 2001, p. 45).

Após apresentar estes vários autores, abordando o que suas idéias teriam de semelhante ou de discordante, FREIRE, apresenta o seu ponto de vista com relação às características do jogo. Para ele o jogo infantil se caracteriza pelo barulho que fazem as crianças, apresenta como marca típica o movimento corporal intenso; é um espaço permanente de conflitos, exige concentração; a brincadeira parece não ter começo nem fim. O jogo não seria apenas representação, seris auto-representação, no que ele se difere do teatro onde os atores representam para uma platéia; no jogo, os atores representam para si mesmo (FREIRE, 2001). O autor não concorda em conceber, ao jogo, qualidades tão particulares que não seriam encontradas em outras atividades humanas; não haveria neste caso, uma lógica da economia da natureza se as atividades não serias fossem reservadas para o jogo e as atividades sérias para o trabalho. FREIRE aborda o jogo como matéria prima e produto da cultura humana, o jogo como instrumento tematizador de aprendizagens, o jogo como instrumento formador da inteligência criativa e da individualidade. Vejamos mais a respeito destes enfoques.

3. 3. 1 O JOGO COMO FENÔMENO CULTURAL

Usando uma fábula, de um autor não identificado, FREIRE (2001) relata que o criador do universo teria dado a todos os animais uma habilidade especial para viver sempre em um mesmo lugar da Terra. À criatura humana, no entanto, o criador concedeu as habilidades da imaginação e da fala. Ao invés de entregar a criatura pronta para viver em algum lugar da Terra, entregou-a inacabada, mas com imaginação para ir-se completado a cada dia em qualquer lugar do planeta. O instrumento particular e privilegiado da criatura

humana de adaptação ao mundo seria o símbolo interno, a imaginação, a capacidade interna de representar as coisas e os acontecimentos; com esta habilidade especial o homem seria capaz de modificar a natureza e criar sua própria natureza: a cultura. Pois a única natureza que o homem consegue habitar e se relacionar diretamente é a natureza que ele mesmo cria. O criador deu à criatura humana, portanto, um pouco de sua própria habilidade de criar, de imaginar, habilidade esta que, pode não ser a matéria prima exclusiva, mas é a matéria principal do jogo humano, através do qual é construída a cultura humana.

Utilizando uma outra maneira de explanação, o autor, esclarece que os humanos possuem energia em abundância, para poder construir aquilo que a natureza não supriu ao nascimento: a cultura humana. Segundo ele, o bebê humano, ao nascer é quase completamente desprovido de recursos motores adaptados. Excetuando seus reflexos arcaicos, a motricidade do recém-nascido é absolutamente desordenada, dirigida para coisa alguma. Nascermos antes que se pudesse coordenar nossa habilidade particular de adaptação, evidentemente que essa habilidade terá que se formar fora do útero materno, ao longo do seu desenvolvimento ou, usando os termos de FREIRE, durante uma segunda gestação. *“A sociedade é a outra mãe biológica do homem e a cultura humana é o ventre materno dessa outra gestação”* (FREIRE, 2001, p.19).

A cultura humana seria portanto o produto do mundo interior construído durante a experiência do viver. Essa habilidade de lidar com o mundo interior, de representar internamente o que ocorre fora de nós e a nós, que constitui a particular habilidade humana, aquela que vai prover-nos dos recursos necessários para estar no mundo, que preencherá, a carência natural de que somos todos possuídos ao nascimento.

Os homens teriam energia não apenas para consumo das necessidades, produziriam um tanto a mais para compensar suas carências, que são faltas naturais, compensadas quando a energia é

investida no fomento das representações interiores, na imaginação e no espírito. Há uma imensa sobra de energia que precisa ser gasta, mas não apenas porque está sobrando, mas porque precisa ser transformada na matéria mais importante de nossa existência: a cultura humana. A energia sempre inesgotável para o jogo viria dessa reserva necessária para construir a cultura humana (FREIRE, 2001). Daí, ser compreensível uma criança pouco se cansar quando brinca. Esta resistência ocorre porque ela recorre, não à energia para provimento de alguma necessidade, mas à energia que sobra, que só pode ser utilizada no mundo lúdico, no mundo do jogo ou da arte.

Seguindo este raciocínio, se pudéssemos conciliar necessidade ao jogo, em uma atividade necessária, benéfica, mas também extremamente prazerosa, em um ambiente lúdico – o andar a cavalo – estaríamos fazendo uso da totalidade de nossa energia, o que proporcionaria grande motivação.

Nos reportando novamente a FREIRE (2001), os homens teriam uma juventude excepcionalmente prolongada. Enquanto um animal tem um amadurecimento rápido, que lhes consome parcela pequena da vida, rapidamente tornando-se aptos para a reprodução sexual, o homem tem um amadurecimento que lhe toma de um terço a um quarto da existência. Não se é jovem à toa, joga-se, no fundo por necessidade. O jogo é típico da juventude, sendo assim, nenhum animal é mais dotado para o jogo que o homem. Não há como recusar, portanto, a evidência de que a espécie humana tem no jogo uma de suas atividades fundamentais.

Vejamos como HUIZINGA (1993) se refere ao jogo como estímulo para a cultura. Para este autor o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta última pressupõe sempre a sociedade humana e, segundo ele, a civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à idéia geral do jogo. HUIZINGA exemplifica, os animais não esperam que os homens os iniciassem na atividade lúdica e brincam tal como os homens. Basta que observemos os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções,

encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar, mediante um certo ritual de atitudes e gestos; respeitam as regras que os proíbem morderem com violência a orelha do próximo; fingem ficar zangados e, o que é mais, importante, eles, em tudo isto, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento.

O autor esclarece: *“não queremos com isso dizer que o jogo se transforma em cultura, e sim que em suas fases mais primitivas a cultura possui um caráter lúdico, processando-se segundo as formas e no ambiente do jogo”* (HUIZINGA, 1993, p. 53). Mesmo as atividades que visam a satisfação imediata das necessidades vitais, como por exemplo a caça, tendem a assumir nas sociedades primitivas, uma forma lúdica. Tanto a magia como o mistério, os sonhos de heroísmo, os primeiros passos da música, da escultura e da lógica, todos estes elementos da cultura, procuram expressão em nobres formas lúdicas. O ritual teve origem no jogo sagrado, a poesia nasceu do jogo e dele se nutriu, a música e a dança eram puro jogo. O saber e a filosofia encontraram expressão e em palavras e formas derivadas das competições religiosas. As regras da guerra e as convenções da vida aristocrática eram baseadas em modelos lúdicos. Daí se conclui que em suas fases primitivas a cultura é um jogo.

HUIZINGA conclui, os jogos permitirem que se desenvolvessem em toda a sua plenitude as necessidades humanas inatas de ritmo, harmonia, mudanças, alternância, contrastes e clímax, entre outras. A este sentimento lúdico está inseparavelmente ligado um espírito que aspira a honra, a dignidade, a superioridade e a beleza.

Todas as formas de jogo, das mais sérias às mais ligeiras, estão dotadas de uma capacidade criadora de cultura.

3. 3. 2 O JOGO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Um dos motivos que fazem o jogo ser ausente da pedagogia escolar, para FREIRE (2001) seria a ignorância quanto ao caráter educativo do jogo; a falsa idéia de que o brincar leva à indisciplina, por não ser um procedimento educativo convencional.

Brougère (1998 apud FREIRE, 2001) localiza uma forte oposição entre a seriedade das tarefas escolares e a frivolidade da atividade lúdica, o que explica a atitude do jogo não ser visto como possibilidade educativa, até antes do Século XIX.

Um outro aspecto que distancia o jogo da atividade escolar ainda hoje recai sobre o fato de que os conteúdos e procedimentos pedagógicos escolares serem distante da subjetividade dos alunos, e drasticamente socializantes, o que se opõe à subjetividade do jogo.

Na visão de Sartre, o homem volta-se mais para si do que para o mundo quando joga. O ambiente do jogo tende mais para o sujeito que para o mundo objetivo. Predomina, no ambiente do jogo, a subjetividade, embora possam permanecer âncoras objetivas na realidade. De alguma maneira o indivíduo vai ao mundo da fantasia na sua brincadeira, mas permanece com um pé na realidade ao escolher freqüentemente para brincar, um objeto que se prende ao real. Para Sartre (1999 apud FREIRE, 2001, p. 51) "*...o desejo de jogar é, fundamentalmente o desejo de ser*". A este, FREIRE (2001, p. 51) acrescenta: "*o jogo não é só subjetivo, é também, em menor escala, objetivo, assim como o jogo não é só desejo de ser, mas é também desejo de ter*".

FREIRE (2001) saliente alguns aspectos educacionais do jogo. Em primeiro lugar, o jogo ajuda a não esquecer o que foi aprendido. O jogo faz manutenção do que foi aprendido, considerando que o conteúdo do jogo não é inédito, jogamos com as coisas que já incorporamos, quer sejam habilidades motoras, quer sejam sensações ou idéias. Em segundo lugar, o jogo também aperfeiçoa o que foi aprendido. A repetição sistemática do jogo inevitavelmente

aperfeiçoa as habilidades adquiridas e envolvidas nele, porque essa circularidade facilita o exercício. Se, durante o jogo, as habilidades podem ser aperfeiçoadas pela repetição, isso certamente vai fazer com que o jogador se prepare para novos desafios, isto é, assimilar conhecimentos mais complexos. Aquilo que era o fim, logo em seguida torna-se meio para novas aquisições. Entre uma coisa e outra, a aquisição nova é exaustivamente exercitada antes de se colocar como meio para novas aquisições. E esse exercício ocorre no jogo, não importa se no plano apenas prático das ações motoras, ou se no plano das imagens mentais.

Este autor conclui, o jogo educa não para que saibamos mais matemática ou português ou futebol; ele educa para sermos mais gente, o que não é pouco. É através do jogo que construímos nossas habilidade e capacidade mais tipicamente humanas: a habilidade de imaginar e a imaginação.

4 DISCUSSÃO

4.1 CAVALGAR: O JOGO DOS SENTIDOS

As aquisições sensório-motoras fazem da aprendizagem uma acumulação mecânica de vivências sucessivas, por ocasião da educação psicomotora. Associar tais vivências numa atividade, durante um mesmo momento, permite perceber-se globalmente. Os mecanismos de aprendizagem e a memória permitem a adaptação do indivíduo às mudanças do meio. Para Claude Bernad (apud VERRIÈRE, 1988), “a aprendizagem juntamente com a memória são as condições da vida livre”.

O autor VERRIÈRE (1988), dissertando a respeito da tomada de identidade através de uma abordagem sensitiva e, mais particularmente, pela imagem do corpo revelada a cavalo, afirma que a massagem permanente, devido ao movimento oscilatório e cadenciado do animal, é em si, uma mensagem mnêmica de nossa estruturação. A cavalo, a vivência sensitiva é uma vivência profunda que atinge as massas musculares, ósseas, articulares e também viscerais. Pela dinâmica do corpo, por sua movimentação, a memória interessada é a da estrutura corporal. Paremos um pouco neste ponto para notificarmos que o prazer da massagem estimula a circulação de endorfinas no organismo, proporcionando uma sensação de bem estar (adiante faremos uma melhor explanação a respeito desta substância e seus benéficos efeitos).

A memória da estrutura do corpo é a mais concreta, a outra, a memória intelectual, é mais falível. É na sensação recriada, depois reencontrada, que o corpo vai se reconhecer, e não apenas na lembrança mental de uma experiência anterior.

A conservação do passado é essencial para o processo da vida. A memória ideatória não é suficiente, muitas vezes o homem sente

necessidade de reviver suas lembranças, de voltar aos lugares de seu passado, por exemplo. Ele precisa rever, para reviver, com a memória de seu corpo e de seus sentidos, as experiências locais de sua identidade procurada (VERRIÈRE, 1988).

Todas as sensações são filtradas, decodificadas pelos traços mnêmicos de nossos gens. As vezes basta uma evocação tátil, auditiva ou olfativa para que o corpo torne a sentir a emoção passada, memorizada inconscientemente. O cavalo pode provocar estas reminiscências da memória, durante momentos que estimulam o corpo, de modo semelhante a uma solicitação provocada por uma sensação sensório-motora ou afetiva no passado. Assim acontece com a estimulação e com a animação do corpo do cavaleiro montado. O ritmo, a cadência, o corpo que leva, o corpo que é levado, aquele corpo a corpo, aquele balançar, quase embalo, criam o efeito tranquilizador e caloroso da maternagem. As sensações profundas, arcaicas, esquecidas, reestimulam o corpo sobre sua memória e lhes permite viver o momento presente com maior interisidade e consciência dele (VERRIÈRE, 1988).

A equitação terapêutica remete a situações regressivas, maternas e, caso algum pode remeter apenas à única lembrança ideatória. Através das vibrações corporais que o corpo registra, o cavaleiro vive uma experiência que remete diretamente à sua vivência interior. Assim, ele vai desabrochar, criando, realizando seu próprio bem-estar, pelo viés do cavalo, este seu outro eu (VERRIÈRE, 1988).

Recordar situações prazerosas, quando estamos relaxados, pode auxiliar-nos a segregar novamente o mesmo tipo de endorfina produzido naquela ocasião passada (LAWSON, 1998). Nossa capacidade de trazer à consciência lembranças do passado funciona muito melhor quando estamos relaxados e em equilíbrio, e isso pode ser conseguido através do cavalgar.

As imagens positivas estimulam a criação de endorfinas. Um pensamento, uma sensação, um cheiro, o que vemos e o que ouvimos são transformados, no cérebro, em mensagens bioelétricas, desencadeando vários processos fisiológicos. Isto ocorre com outros processos sensoriais. Estas mensagens bioelétricas encarregam-se de estimular a formação de endorfinas. Neste mecanismo, a memória desempenha um papel primordial, uma vez que o medo, a dor e o prazer são memórias (LAWSON, 1998).

As endorfinas são veículo do prazer, da euforia e da sensação de felicidade. Nosso estado de ânimo, nossas fobias, nossas manias, nossas fantasias e preferências estão estreitamente ligados com o equilíbrio e o fluxo de endorfinas (LAWSON, 1998). As endorfinas são substâncias bioquímicas analgésicas, segregadas pelo cérebro, que executam um papel essencial no equilíbrio entre o tônus vital e a depressão. As endorfinas são agentes "bioelétricos" que atuam como neuromoduladores, despolarizando parcialmente as membranas celulares; esta despolarização, que atua sobre os impulsos nervosos transmitidos, é o que ao bloquear a dor, produz sensação de alívio e bem-estar (LAWSON, 1998). Existe também uma relação entre estas substâncias e o sistema imunológico: a Endorfina-Beta e o hormônio adrenocorticotrópico (ACTH) contribuem para a manutenção da saúde desbloqueando signos imunológicos permanentes.

"É inegável que qualquer tipo de tratamento será favorecido, se nosso corpo for capaz de fabricar endorfinas com normalidade" (LAWSON, 1998, p. 20). Os chamados métodos terapêuticos alternativos, na maioria das vezes, têm como um dos seus objetivos ativar a segregação de endorfinas no corpo; estas não só aliviam a dor, mas também colocam o organismo inteiro em um estado de relaxamento no qual a energia pode atuar livremente e inclusive curar a doença.

Arriscar-nos, apaixonar-nos, fazer aquilo que realmente tínhamos vontade de fazer, passando por cima das insuportáveis barreiras da

rotina, dos preconceitos e dos tabus. Tudo isto contribui para melhorar a secreção de endorfinas. Como no caso do ovo e da galinha, é difícil saber quem vem primeiro: se é a endorfina que produz prazer ou é o prazer que produz endorfinas.

Como maneiras de aumentar os níveis de endorfina no organismo o autor LAWSON (1998) menciona a prática de atividades físicas. Segundo ele, o squash ou a corrida, por exemplo, são esportes “violentos” que fornecem endorfinas a partir do stress positivo que ocasionam. O autor sugere ainda a prática de esporte ao ar livre, pois uma boa oxigenação é ifavorável para que possamos sintetizar os hormônios necessários ao organismo. As massagens são colocadas também como alternativa de atividade que estimula a circulação de endorfinas. Se reportarmos tais referências para a prática da equoterapia, identificaremos nela vários aspectos que estimulam então a circulação de endorfinas e a sensação de bem-estar advinda desta: o fator risco, a massagem realizadas pelos movimentos do animal no corpo do praticante, as atividades ao ar livre. Estes aspectos podem justificar a motivação e satisfação com que a atividade é realizada.

7 A excitação neuromuscular durante o cavalgar remodela a postura através de um despertar sensorial que, por si só, a uma solicitação constante da memória do corpo (VERIÈRE, 1988).

No tópico referente aos benéficos das atividades com o cavalo, já foi mencionada a integração de estímulos que é possível oferecer através da equoterapia: o cavalo oferece estimulação visual, auditiva, olfatória, vestibular, proprioceptiva, cinestésica e tátil.

Em alguns casos, especialmente nos casos de pessoas que demonstram aversão ao toque e dificuldade em estabelecer vínculos afetivos, a montaria no cavalo se faz a pêlo, com o intuito de solicitar mais atenção e disciplina por parte do praticante uma vez que “não há onde segurar”. A montaria a pêlo oferece também maior estimulação tátil devido ao contato direto entre o praticante e o animal.

Vejamos o que diz MONTAGU (1988) sobre a importância da estimulação tátil. A pele é nosso primeiro meio de comunicação. Além de ser o maior órgão do corpo, os variados elementos que compõem a pele têm uma extensa representação a nível cerebral. O desenvolvimento da sensibilidade da pele depende, em grande medida, do tipo de estimulação ambiental recebida. O sentido mais intimamente associado à pele, o tato, é o fundamento sobre o qual assentam-se todos os outros sentidos. Na qualidade de órgão do sentido mais antigo e extenso do corpo, a pele permite que o organismo aprenda o que é seu ambiente.

O tato, portanto, é o sentido que nos confere a sensação de realidade: *“Não apenas a nossa geometria e nossa física, mas toda nossa concepção do que existe fora de nós, baseiam-se no sentido do tato”* (MONTAGU, 1988, p. 30). Nunca estamos realmente seguros a menos que possamos “nos agarrar” a alguma coisa. “Tateamos” no escuro ou buscamos às cegas o caminho que esperamos nos possa conduzir para fora da insegurança. As expressões acima são metáforas para a segurança que nos advém do tato.

O autor após a apresentação de inúmeros experimentos relacionados à estimulação cutânea de mamíferos, macacos, símios e humanos, os quais recebem a estimulação ainda recém-nascidos e/ou quando jovens, conclui que a estimulação tátil é de importância primordial para a saúde do desenvolvimento físico e comportamental do indivíduo. O toque é uma necessidade comportamental básica, na mesma proporção em que respirar é uma necessidade física básica; que o bebê está destinado a crescer e a desenvolver-se socialmente por meio de contato e, por toda a vida, a manter contato com outros. No tocante a seres humanos, a estimulação tátil é de significado fundamental para o desenvolvimento de relacionamentos emocionais e afetivos saudáveis, pois o toque e o amor estão intimamente conectados, e o indivíduo aprende a amar não com instruções, mas sendo amado.

Portanto, uma estimulação tátil adequada durante a infância e a meninice é de importância fundamental para o subsequente desenvolvimento saudável do comportamento da pessoa, e, ao contrário, a privação tátil resulta geralmente em inadequações comportamentais futuras. Isto porque as sensações táteis, assim como outras sensações, tornam-se percepções táteis segundo os significados dos quais foram investidas pela experiência (MONTAGU, 1988). Experiências táteis inadequadas resultarão numa falta dessas associações e numa conseqüente incapacidade de criar relacionamentos fundamentais com outras pessoas. Quando o afeto e o envolvimento são transmitidos pelo tato, são com estes significados, além dos de provimento de segurança através de satisfação, que o tato passará a estar associado.

Reportando-nos a equoterapia, a cavalo, o corpo é estimulado em sua totalidade. Numa posição de equilíbrio, a bacia, centro da vida instintiva, segundo Yvonne Berge, é simplesmente propelida pelo movimento helicoidal do passo do animal e pela translação de sua coluna vertebral. Esta mobilização participa de educação e da reconstituição do esquema corporal. Por esta estimulação na base do equilíbrio, a cavalo, a coluna vertebral do cavaleiro, ainda segundo Berge, centro da vida afetiva, da personalidade e do eu, registra as modificações tônicas. E pela sensação que podemos ter, permite a avaliação e a percepção do espaço como invólucro corporal. Finalmente, a cabeça, centro do pensamento, registra as modulações da bacia e do eixo vertebral, e pode, graças ao olhar ou à audição, analisar a situação dinâmica. Pela estimulação permanente, o corpo do cavaleiro encontra ou se empregna de informações cinestésicas que estão participando ou já participaram da elaboração de sua imagem corporal (VERRIÈRE, 1988).

Em virtude do corpo a corpo com o cavalo, o tato, sentido da realidade, faz a educação dos outros sentidos. A vista, sentido da exterioridade, permite a orientação do corpo. Essas percepções cutâneas e visuais dão ao corpo seus limites. Dirigir seu cavalo, requer um engajamento do corpo no espaço. Por meio do tato e do

olhar, o cavaleiro pode ampliar seu campo de visão e estender seu campo de ação, numa situação nova e intensa que, por causa desta intensidade, desperta e acorda seu corpo para suas próprias dimensões (VERRIÈRE, 1988).

Mas o animal também se beneficia do contato com o homem. Segundo MONTAGU (1988), cavalos expostos ao toque da mão humana, imediatamente após seu nascimento, desenvolveram condutas incomumente adultas. Entre os traços de conduta adulta observados nesses animais manipulados, constavam comportamento responsável em situações de emergência, sem a perda da docilidade cooperativa de outras ocasiões, e comportamentos inventivos para comunicação com os humanos, em situações de urgência.

De fato, durante o cavalgar, pelas sensações do corpo em movimento, pelo deslocamento do peso corporal, pela orientação do olhar, pela confiança depositada, é estabelecida, com toda a simplicidade, naturalmente, pelo contato, uma harmonia, um equilíbrio, uma compreensão, uma troca das vivências das aquisições e das aprendizagens recíprocas entre o cavalo e seu cavaleiro.

4. 2 CAVALGAR: O JOGO DAS REPRESENTAÇÕES

O cavalo sempre exerceu um inexplicável fascínio sobre o ser humano, em especial sobre as crianças. É um misto de temor e atração. O cavalo é grande, forte, assusta. Mas vencido o medo, aumenta-se a auto-estima e a coragem. Quem nunca ouviu falar de Pégasus, o cavalo alado, desejado por deuses? Quem nunca andou num carrocel de cavaleiros? Quem nunca observou os olhos de admiração de uma criança num rodeio? A fantasia infantil é povoada de cavalos e heróis. O cavalo pode trazer à nossa realidade a experiência gostosa de sonhar. O cavalo é o ponto entre o real e o imaginário. Está tanto em nossa mente quanto à nossa frente.

Podemos ser o mocinho e o bandido ao lidar com ele. Seremos grandes e pequenos. Estaremos acompanhados e sós (HARAS RANCHO GG, 2001). Quem quer que monte a cavalo não escapa das evocações arquetípicas, que tornam o cavalo o objeto de suas fantasias (LUBERSAC e LALLERY, 1996).

Segundo WALTER (apud HARAS RANCHO GG, 2001), o que precisamos na vida é basicamente o bem-estar físico e mental, de nos relacionarmos bem com as outras pessoas e viver nossas fantasias. O que realmente existe de real em nós são nossas fantasias, não o mundo externo, no sentido de que fantasia é tudo aquilo que idealizamos, e que nem sempre corresponde à realidade. O errado é embarcar em fantasias e ignorar o mundo externo. Ou vice-versa (HARAS RANCHO GG, 2001).

Durante o decorrer da história, o cavalo serviu ao homem como caça, como meio de transporte, como instrumento de guerra, como instrumento de trabalho, como instrumento de veneração e crença, como matéria para fabricação de soro e vacina. Paralelamente a esta evolução, o homem, com sua capacidade de expressão simbólica, investiu o cavalo de projeções, reportando-se a dois princípios fundamentais: o da mãe e o da força psíquica, a potência muscular dominadora. E apesar da variedade de acepções simbólicas que são aferidas ao cavalo, é de se notar que, em reeducação pela equitação, encontramos-nos face a essas duas projeções basilares: o elemento feminino com o qual se procura um contato mais simbiótico e o elemento masculino com o qual o contato toma outro colorido, não desprovido de agressividade (LUBERSAC e LALLERY, 1996).

A representação gráfica deste animal é interessante. FREINET (apud LUBERSAC e LALLERY, 1996) observa que, nos esquemas das crianças, a égua é representada geralmente grávida ou apoldrada e o cavalo selado ou atrelado, traduzindo uma relação de dominação. Logo a criança descobrirá que sua inteligência está num nível superior ao do animal e que ele pode, portanto, exercer sobre

ele uma autoridade da mesma natureza daquela que recebe de seu pai.

A evocação do cavalo, animal-símbolo, remete a noções culturais profundamente interiorizadas. Na memória coletiva, o cavalo marca sua presença. Vinculado pela mitologia aos elementos naturais, alado ou centauro, sua imagem faz parte da fantasmática popular. Sua simbólica está carregada dos elementos vitais (VERRIÈRE, 1988).

O cavalo branco é símbolo de vitória no livro do Apocalipse. Um cavalo luminoso conduziu Maomé ao Céu. O cavalo, na mitologia, é considerado o símbolo universal da energia psíquica.

Há história de cavalos famosos, como o "Bucéfalo" de Alexandre Magno ou o "Incitatus" de Calígulas, sem falarmos que as religiões cristãs o colocam como dos poucos testemunhos do nascimento de Jesus. O que é certo, é que o cavalo está intimamente ligado ao homem, a ponto de, no antropozoomorfismo mitológico ter sido criado a figura do centauro (ROMASZKAN, 1977).

O cavalo é também potente, elegante e rápido. Carregado de mistérios em sua simbólica e cercado de interdições na realidade, o cavalo permanece, com o tempo, um ser que sempre inspira o temor, até o medo, mas também o respeito, a admiração. Ele dá ao homem ao desejo de dominá-lo primeiro, depois, através do entendimento, dividir com ele o prazer. O cavalo permanece um ser que deve ser cativado e cuja dominação passa, através dele, pela estima de si mesmo (VERRIÈRE, 1988).

Referindo-se a relação de adestramento, ou melhor, de dominação, que se estabelece entre o cavaleiro e o animal Goethe coloca: "O motivo pelo qual o adestramento tem uma ação tão benéfica sobre as pessoas dotadas de razão é que aqui é o único lugar no mundo onde é possível entender com o espírito e observar com os olhos a limitação oportuna da ação e a exclusão de qualquer arbítrio e do caso. Aqui homem e animal fundem-se num só ser, de

forma que não sei se saberia dizer qual dos dois está efetivamente adestrando o outro” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2000 d).

O cavalo é o ser da confiança e da troca afetiva e corporal; ele dá matéria a nossa busca de identidade. Rapidamente, ele se torna nosso outro eu, o objeto da nossas projeções, uma resposta viva a nossos comportamentos (VERRIÈRE, 1988).

O cavalo nos permite pela autoridade verbal ou gestual que podemos ter sobre ele, dominar ou desaparecer ao atribuir-lhe nossas competências pois, montando o cavalo, há um confronto com um ser vivo e diferente, revelador de um sentimento de si é ao mesmo tempo, filtro e espelho de nossas emoções (VERRIÈRE, 1988).

O cavalo é também cavalo da liberdade, simbolizando a evasão, a velocidade. Na vida diária vemos cartazes publicitários de marca automobilística, por exemplo, que trazendo a silhueta de um cavalo ao fundo, nos quais se pode notar o desejo de evocar a elegância e a qualidade do produto.

A cavalo, os deficientes aprendem a equilibrar-se e coordenar os movimentos, ao mesmo tempo que, sem darem conta por isso, enrijecem os músculos enfraquecidos. Tão importante quanto, é a sensação de liberdade que a equitação lhes proporciona, libertando-os das muletas e das cadeiras de rodas (BROWNE, 1987).

Os animais aceitam e se relacionam com qualquer tipo de pessoas, talvez porque de nós, seres humanos, eles só querem receber cuidados e afeto, e isto qualquer pessoa é capaz de ofertar. Ao ser aceito como são, pelo cavalo, as pessoa portadora de necessidades especiais têm demonstrado maior facilidade na aceitação de si mesmo e conseqüentemente do outro (HARAS RANCHO GG, 2001). ADAMS et al. (1985) cita que um indivíduo funciona satisfatoriamente dentro de seu ambiente quase que em relação direta com a sua habilidade de aceitação de outras pessoas,

da capacidade dos outros em aceitá-lo e de sua tolerância em aceitar a si próprio.

É possível ouvir em sessões de equoterapia, algumas manifestações de agressividade, intoleráveis na vida quotidiana. A agressividade de uma personalidade pode ser demonstrada mediante as regras sociais. Em um estabelecimento de cura, por exemplo, raramente é tolerado que se quebre os materiais, que se bata nos outros, que se lhes diga injúrias, que se manche as roupas, sem incorrer em faltas e sanções. Pelos processos conhecidos, o paciente volta esta agressividade contra ele mesmo, grita, queima-se, bate sua cabeça, morde-se, mutila-se. Em equoterapia há outra alternativa pela qual o paciente pode conduzir sua personalidade antes agressiva; a relação com um ser que o aceita sem restrições.

Segundo LUBERSAC e LALLERY (1996) o cavalo é considerado prolongamento do corpo do praticante, prolongamento do corpo do terapeuta, e um ser autônomo, mediador, vivo, permissível até um determinado nível, com o qual é preciso compor, ao qual é preciso adaptar-se, com o qual pode ser instaurado um diálogo.

É até aceitável que a criança suje a roupa e tire os sapatos durante a sessão de equoterapia, mas o bater no animal, apesar de ser socialmente "preferível" que se bata em um animal a uma pessoa, pode gerar reações imprevisíveis. Como foi dito anteriormente, o cavalo é um animal permissível até certo ponto, e sua reação pode vir a ser também agressiva e perigosa. E o praticante, por menor que pareça sua capacidade de compreensão, compreende a situação e adequa o seu comportamento. Parece que entre eles, cavaleiro e animal, se estabelece um diálogo não convencional, através do qual são acertados os limites e as possibilidades de conduta na relação. Existe sim uma relação de aceitação e a possibilidade de emancipação de personalidades, mas ambos estão sob rédeas, e a relação se perpetua também como uma relação de disciplina e respeito mútuo.

A união pode ser tal que o cavalo é sentido como um companheiro muito próximo, mesmo como um prolongamento do corpo, um corpo que se agita, companheiro de loucuras e fantasias, permitindo ao cavaleiro a descoberta de si mesmo. Além disto é um companheiro guiado, e neste caso, qual é o papel do terapeuta. Pode ser o de testemunha apenas, retirando da atividade a conotação de terapia. Qualquer interferência do terapeuta durante a montaria de um praticante doente mental, por exemplo, pode ser considerado por ele uma intrusão perturbadora na comunicação dele com seu cavalo (LUBERSAC e LALLERY, 1996).

Na atividade com o cavalo existe ainda o aspecto do prazer. O prazer na atividade pode vir também das conotações e dos símbolos a ela atribuídos. O trabalho dos quadris, o ritmo cadenciado do corpo nas andaduras trote e galope, demandam uma tensão muscular relativamente intensa. Segundo, LUBERSAC e LALLERY (1996), o retorno ao passo representa uma fase de apaziguamento, de relaxamento dessa tensão, análogo ao produzido pelo orgasmo. A descontração geral que se experimenta com o passo recai sobre a musculatura da bacia pélvica, local importante do prazer físico.

Estes autores sugerem ainda que a atração particular pelo cavalo explica-se, em grande parte, por ser a única atividade próxima da atividade sexual, durante a qual se pode sentir praticamente os mesmos prazeres sem nenhum sentimento de culpa, sem enfrentar tabus ou preconceitos, sendo a atividade muscular o seu fio condutor. Para pessoas portadoras de necessidades especiais esta situação é bastante verossímil. Como já foi abordado em páginas anteriores, a realização de atividades prazerosas podem vir a auxiliar na circulação de endorfinas em nosso corpo, proporcionando-nos uma sensação de bem-estar, euforia e felicidade.

Os autores acrescentam, a atração que ele exerce sobre as meninas parece resultar da combinação de seu caráter profundamente masculino (projetado por elas) com a natureza da posição e dos atos que são executados sobre o lombo (movimentos

rítmicos com pernas bem afastadas, e o contato estreito com o corpo do animal). O mesmo ponto de vista pode ser adotado para explicar a atração exercida sobre os meninos, que projetam sobre o cavalo seu desejo de posse de um elemento feminino ou seu desejo de triunfar sobre um outro elemento masculino subjulgado. E a baixa na popularidade do cavalo após a puberdade, seguindo a mesma linha de pensamento, se justifica por ser este o período em que uma parte dos impulsos eróticos pode ser realmente assumida (LUBERSAC e LALLERY, 1996).

As atividades com os cavalos favorecem também a autoconfiança, aumentam os períodos de atenção, melhora a postura, o equilíbrio e a coordenação motora, proporcionando condições para maior concentração e melhor disciplina. Para as crianças, ao montar em um cavalo, por alguns momentos, é possível ser grande, não ter “problemas a resolver” e o relaxamento que advém disto torna o cérebro mais apto ao aprendizado. E de repente, a lição no caderno se torna fácil; a briga com o irmão desnecessária e a birra com os pais desaparece (WALTER e MALAGUTI, 2001).

Vamos abrir agora espaço para depoimentos de praticantes, sobre a relação com o cavalo e o resgate da autoconfiança.

Uma das razões por que os jovens gostam tanto de montar, diz Keith Webb, é porque isso os conscientiza, a eles e aos outros, das suas capacidades e não das suas incapacidades. É possível que eles demorem uns penosos e difíceis 15 minutos de esforço para montar o pônei mas, uma vez na sela, as suas vidas transformam-se pois, como diz o Dr. Gillian Peacock, “A melhor terapêutica de todas é poder dizer “Consegui” ” (BROWNE, 1987).

A sensação de domínio sobre a deficiência inspirou alguns dos cavaleiros da *Riding for the Disabled Association* a realizarem feitos extraordinários de equitação. Janice Burton, apesar de cega, faz cross-country a galope e salta obstáculos, perseguindo um cavalo guia. Phillipa Verry é uma saltadora de obstáculos que, embora não

possua braços, já entra em competições com cavaleiros normais. Dianne Tubbs com esclerose múltipla conquistou a medalha de ouro no primeiro campeonato mundial de equitação para deficientes, na Suécia e diz: “Em vez de duas pernas inúteis, agora eu tenho quatro muito boas e o melhor amigo que alguém poderia ambicionar” (BROWNE, 1987).

Há quem afirme que os benefícios psicológicos da equitação para os deficientes são ainda maiores do que os físicos. Montar a cavalo é uma grande conquista; poder olhar para as pessoas saudáveis do alto da sela é uma experiência libertadora para aqueles que estão habituados a olhar o mundo ao nível de uma cadeira de rodas. A amazona da *Riding for the Disabled Association*, Pennie Kidd, com esclerose múltipla, diz: “Ter confiança num corpo que por muitos motivos nos decepcionou, poder cavalgar por entre veredas e campos abertos, onde uma cadeira de rodas nunca poderia entrar é estimulante - levanta-nos a moral e dá-nos força para perseverarmos nos dias mais negros” (BROWNE, 1987).

5 CONCLUSÃO

Este estudo se propõe a levantar dados, despertar questionamentos, abrir caminhos para futuras investigações, e não perpetuar conceitos mas sim.

Após a gratificante elaboração da revisão de literatura e discussão do problema, concluímos que a grande motivação, a satisfação e a rapidez com que os benefícios da equoterapia, mencionados ao longo do trabalho, são atingidos, podem ser atribuídos às características lúdicas da atividade e ao ambiente natural na qual ela se desenvolve.

Dentre estas características lúdicas identificadas na equoterapia podemos salientar:

1. A evasão da vida cotidiana, a tirar pelo ambiente diferenciado no qual a atividade se desenvolve. A equoterapia é uma atividade praticada frequentemente em campos ao ar livre, em áreas, o que, como abordado, oferece boa oxigenação, favorável para a síntese de neurotransmissores como as endorfinas, proporcionando sensação de bem estar físico e mental. Além disso, a separação espacial em relação à vida cotidiana, característica do jogo, como forma de manipulação da realidade, opondo-se ao caráter sério da vida, opondo-se ao ambiente hostil dos hospitais e clínicas de tratamento aos quais as pessoas portadoras de necessidades especiais costumam frequentar, proporcionam a eles uma sensação de liberdade, de descompromisso. Os praticantes e os profissionais se "desligam" das necessidades, e a atividade é realizada quase que voluntariamente.
2. A presença do risco, da imprevisibilidade, do limite entre prudência e audácia que norteiam a atividade. A imprevisibilidade, a incerteza, os riscos que a atividade com o cavalo apresenta, visto tratar-se do uso de um instrumento vivo e animado, pode vir a estimular também a segregação adequada de endorfinas (stress positivo), o que estimula e tonifica o indivíduo.

3. O respeito à subjetividade do praticante. A relação entre o cavaleiro e seu cavalo pode vir a se tornar algo tão subjetivo, especialmente, em casos de portadores de deficiências mentais e/ou distúrbios comportamentais, que os profissionais da equipe, durante as sessões, participam apenas como espectadores e, por vezes, sua intervenção é vista, pelo praticante, como uma intromissão perturbadora. E mesmo sem a intervenção direta dos profissionais, há uma adequação de comportamento por parte de ambos, cavalo e cavaleiro.
4. A tematização de aprendizagens. Lembremos que um dos programas propostos pela equoterapia, é o programa de educação e reeducação, o qual apresenta todos os aspectos educacionais do jogo: as atividades ajudam a não esquecer o que foi aprendido, fazem manutenção do que foi aprendido; aperfeiçoam o que foi aprendido. As habilidades podem ser aperfeiçoadas pela repetição, isso certamente faz com que o praticante se prepare para novos desafios, assimilando conhecimentos mais complexos. Através da atividade, exercita-se a habilidade mais tipicamente humana: a imaginação.
5. O uso de totalidade de nossas energias unindo necessidade e diversão, e construindo cultura.

Enfim, "Se aplicarmos à ciência nossa definição de jogo como atividade desenvolvida dentro de certos limites de espaço, tempo e significado, segundo um sistema de regras fixas, podemos chegar à conclusão surpreendente e assustadora de que todo os ramos da ciência são outras tantas formas de jogo, dado que cada uma se encontra isolada em seu próprio campo e é limitada pelo rigor das regras e sua própria metodologia. Mas se aplicarmos plenamente nossa definição, concluiremos imediatamente que para que uma atividade possa ser considerada um jogo, é necessário algo mais do que limitações e regras" (HUIZINGA, 1993, p. 226). Bom, mas estas idéias dão vazão a novas discussões, e, quem sabe, à elaboração de um futuro estudo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, R. C., et al. *Jogos, esporte e exercícios para o deficiente físico*. 3. ed. São Paulo: Manole, 1985.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. ANDE-BRASIL. *Equoterapia: histórico, abrangência, bases, fundamentos*. 2000. (Apostila a).

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. ANDE-BRASIL. *Fisioterapia aplicada à equoterapia*. 2000. (Apostila b).

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. ANDE-BRASIL. *Fundamentos doutrinários da equoterapia no Brasil*. 2000. (Apostila c).

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. ANDE-BRASIL. *História da equoterapia no mundo*. 2000. (Apostila d).

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. ANDE-BRASIL. *O cavalo*. 2000. (Apostila e).

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. ANDE-BRASIL. *O instrutor de equitação na equoterapia*. 2000. (Apostila f).

BOTELHO, L. A. A. A hipoterapia na medicina de reabilitação. *Acta Fisiátrica*, v. 4, n. 1, p. 44-46, 1997.

BROWNE, P. Com a ajuda de uma cavalo. In: Associação Nacional de Equoterapia. *Coletânea*. Brasília, 1986. p. 4- 6.

FREIRE, J. B. *Investigações preliminares sobre o jogo*. 2001. 103 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HARAS RANCHO GG *Para não dizer que não falei das flores...* 2001. (Apostila).

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento de cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

LAWSON, J. *Endorfinas: a droga da felicidade*. Blumenau: Eko, 1998.

LUBERSAC, R. ; LALLERY, H. Relacionamento entre o praticante de equoterapia, a equipe e o cavalo. In: Associação Nacional de Equoterapia. *Coletânea*. Brasília, 1996. P. 60 – 65.

MONTAGU, A. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.

PFAENDER JUNIOR, A. Equitação on line. Abril. 1999. Disponível em: < <http://www.geocities.com/colosseum/bench/2228/equo.html> > Acesso em: 19 de novembro. 2001.

ROMASZKAN, G.; JUNQUEIRA, J. F. D. *O cavalo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

VERRIÈRE, D. O cavalo revelador de um sentimento do corpo. In HERTMAN, G. *O corpo e sua memória: atualização em psicomotricidade*. São Paulo: Manole, 1988.

WALTER, G. B.; MALAGUTI, R. "*O melhor amigo... da criança*". 2001. (Apostila).